



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14097 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

CORPOS EM MOVIMENTO PRODUZINDO SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Patricia Maria Uchôa Simões - Fundação Joaquim Nabuco

Rosimere Ferreira da Penha - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

CORPOS EM MOVIMENTO PRODUZINDO SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: O estudo investigou as relações entre corpo e movimento, focalizando as possibilidades e limites da expressão da criança na Educação Infantil. As discussões partem dos novos estudos sociais das infâncias, propondo uma reflexão interdisciplinar que articula as concepções de criança e infância com os processos educativos do corpo. Para essa reflexão, é proposto um diálogo com os estudos de Michel Foucault que apontam para os processos de educação do corpo em várias instâncias da sociedade e, em especial, no âmbito escolar. O desenvolvimento infantil foi refletido numa perspectiva sociointeracionista de Henri Wallon, estabelecendo uma relação com o conceito de experiência presente na obra de Walter Benjamin. Para o desenvolvimento do estudo, foram analisados vídeos de rotinas em cinco instituições de Educação Infantil. Os resultados revelaram a capacidade das crianças de apropriar-se dos espaços e de (re)significá-los, tornando o movimento a centralidade das atividades. Destacam-se as possibilidades do espaço oportunizar um contexto de exploração dos movimentos corporais, com estimulação dos sentidos, além do contato pessoal e do acolhimento. A garantia dessas condições pode minimizar limites e ampliar possibilidades para o corpo e movimento da criança produzirem saberes.

Palavras-chave: Corpo, Espaço, Educação Infantil.

Introdução

O presente estudo investigou as relações entre corpo e movimento, focalizando as possibilidades e limites da livre expressão da criança na Educação Infantil. A perspectiva do estudo é de que o corpo é mediador e instrumento da produção de saberes sobre o mundo (SAYÃO, 2008).

Essa discussão discorre da compreensão do corpo como fenômeno social e cultural, objeto de representações e imaginários (BUSS-SIMÃO; ROCHA, 2007), e da negação da lógica binária corpo x mente que não tem poder explicativo, em suas dimensões teórica e conceitual.

A pesquisa empreendida insere-se no debate proposto pelos novos estudos sociais das infâncias que apontam a necessidade de ruptura com dicotomias como indivíduo/sociedade, natureza/cultura, mente/corpo, entre outras, para a compreensão da criança e de seu desenvolvimento (ABRAMOWICZ; RODRIGUES, 2014; CORSARO, 2011; PROUT, 2010; SARMENTO, 2005).

Nessa perspectiva, as crianças agem socialmente e não são objetos passivos de socialização mesmo imersas nas normas que estruturam as relações sociais. Trata-se de perceber a criança como sujeito histórico e de direito que constrói sua identidade, reproduz, mas também, produz cultura, experimentando e significando o mundo nas interações que estabelece (CORSARO, 2011; PROUT, 2010; SARMENTO, 2005).

Para essa discussão, o estudo contou com os aportes teóricos de Michel Foucault (1989) que apontam como os processos de educação do corpo estão presentes em várias instâncias da sociedade e tem influenciado decisivamente as concepções e forma de tratamento do corpo infantil no âmbito escolar. Buscamos também em Walter Benjamin (1984) a compreensão do conceito de experiência, como aquilo que nos afeta, nos toma e transforma, e que na infância envolve os campos sensorial, corporal e estético, pelos quais as crianças vão elaborando e narrando a experiência, a partir do brincar.

Desse modo, o corpo atua na produção de sentidos para a criança, sendo o movimento, segundo Wallon (1975), o primeiro sinal de vida psíquica para as bem pequenas, pois estas se apropriam do corpo como forma de comunicação, manifestando através de gestos e movimentos seus desejos e necessidades, assim como, expressam o que pensam, uma vez, que ainda não há o domínio da fala. Por sua vez, inviabilizar os movimentos das crianças é limitar fatores importantes ao seu desenvolvimento, como, por exemplo, a falta de articulação entre a emoção e a inteligência. Portanto, o corpo designa as construções culturais que se produzem sobre e a partir dele, jamais podendo ser percebido como uma matéria desvinculada do social (SAYÃO, 2008).

Por sua vez, Benjamin (1984) afirma que o brincar é a forma pela qual as crianças narram a experiência, e esta narrativa se compõe através dos campos: corporal, sensorial e o estético, os quais constituem a totalidade do ser criança. A narrativa da experiência pelas crianças realiza-se pelo processo de interação e de exploração dos diferentes espaços e tempos, a criança vive sua experiência estabelecendo relações, tensões, afetos e sentidos. Dessa forma, a experiência é internalizada e sentida visceralmente pelo corpo, tornando-o um lugar em potencial de registro significativo da memória narrada.

Este estudo investiga o corpo e o movimento, procurando buscar compreensões sobre os processos pelos quais as crianças experienciam o movimento de seus corpos, tendo como referência as definições e determinações de uma ordem institucional adulta presente nas rotinas diárias das instituições de Educação Infantil, mas também as estratégias emergentes das próprias crianças nas suas interações e trocas com os pares.

Metodologia

Foram analisados 12 vídeos com cenas das rotinas de Grupos I, II e III de cinco instituições de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação do Recife. Para a realização das

análises foram feitas transcrições integrais dos vídeos e, em seguida, os registros foram organizados em episódios, segundo a perspectiva de Pedrosa e Carvalho (2005).

Para esta discussão, abordaremos apenas os resultados relativos ao tema espaço, compreendendo-o, simultaneamente, como lugar e ambiente, associados à ideia de liberdade, segurança e construção simbólica.

Resultados

O espaço na instituição de Educação Infantil adquire relevância para a discussão acerca do corpo e movimento, pois, a forma como é pensado pode configurar um lugar de vigilância e controle ou um ambiente que garanta as interações e a mediação cultural. Para a nossa discussão, escolhemos dois episódios que narram o espaço vivenciado enquanto possibilidades de mobilidade e interações.

Iniciamos com a apresentação de um episódio que ocorreu em uma turma do Grupo I, com crianças de 01 a 02 anos, em uma sala retangular e estreita, na qual podemos perceber 9 crianças, a professora e uma auxiliar. O espaço foi adaptado pela professora através de cantinhos: o cantinho da fantasia que possui espelho e fantasias onde as crianças exercitam o vestir e o despir, o cantinho da leitura que é demarcado por um varal de cordão onde se pendura os livros, colchonete e almofadas para as crianças se aconchegarem, uma árvore de papel com tronco e folhas, onde a leitura é realizada, o cantinho da chamada é marcado por um quadro de pregas, onde as fichas com os nomes das crianças são colocadas. A sala também é o lugar de dormir, após o almoço quando são colocados os colchões no chão. Uma vez que não existe espaço ao ar livre na creche as atividades acontecem, sistematicamente, dentro da sala. Todavia, o ambiente onde acontece a contação de histórias não é um lugar da imobilidade ou contenção do corpo, pelo contrário é o lugar dos gestos, do toque, dos abraços, do movimento, pois este é o caminho que a criança percorrer para se comunicar, compreender e significar o mundo, tendo o corpo como instrumento de conhecimento.

Episódio 1 - Cantinho da leitura

É hora da leitura, a professora está sentada no chão junto com as crianças, à medida que passa as páginas, ela dá ênfase ao conteúdo expresso no livro, apresentando as figuras para as crianças e fazendo perguntas sobre os animais que aparecem: - Qual é este bichinho? Como é que ele faz?

A professora diz o nome do animal: - É o gato! - Ele faz? Miau! miau!

À medida que a professora fala a expressão do gato, ela faz carinho passando a mão no rosto das crianças, parecendo imitar a forma lenta com a qual o gato se movimenta.

Em seguida, a professora convida as crianças para fazerem a contagem dos três beijinhos que são dedicados a cada animal. Nesse momento, duas crianças se abraçam e começam a trocar beijinhos no rosto, a professora vira a página e pede para estas duas crianças identificarem o próximo animal, chamando as crianças para outra ação.

A história continua apresentando o bode e depois o cachorro, as crianças são chamadas a emitir o som que cada animal emite, contar os 3 beijinhos e dar os beijinhos na mão. As crianças participam da história, cada uma a seu jeito, ora

imitando o som característico dos animais, ora fazendo a contagem e o barulho dos beijinhos com a mão na boca.

Durante a leitura, uma criança levanta e mexe no varal, outras aproveitam o movimento proposto pela professora ao som do Au! Au! e aproximam-se do colo da professora para receber beijinho e carinho, outra criança abraça a professora, outras duas trocam beijinhos no rosto. Uma criança percebe a filmagem e observa curiosamente, voltando-se por completo para a câmara. No entanto, sempre que é momento de soltar beijinhos, ela volta o olhar para a professora. As crianças realizam as ações solicitadas pela professora durante a leitura e atende as solicitações com presteza.

O espaço é pequeno, mas a atividade permite a experiência e a expressão da criança. Percebe-se que as crianças já significam este ambiente como o lugar da história. Nesse ambiente reservado, as crianças escutam e participam, em uma dinâmica própria na qual o corpo é chamado a se mexer, a atuar, a olhar em outra direção, a abraçar, a beijar, a representar os sons. O movimento tornou-se a centralidade da atividade. Assim, a história não está apenas sendo contada, ela é também sentida através da emissão dos sons, das trocas de carinhos, abraços e beijinhos que as crianças fazem entre si e com a professora. É evidente o respeito da professora ao modo como as crianças se dispõem a participar, enquanto sujeitos da experiência. É possível também perceber que as crianças interagem com a leitura e com a professora, expressando-se através dos movimentos e isso parece qualificar a experiência com a leitura e com o espaço.

No próximo episódio, podemos observar a presença de 5 crianças e a professora. O episódio se passa no parquinho, montado em um pátio de poucos metros quadrados, com o piso de cimento liso, mas que apresenta algumas partes desgastadas. É possível perceber que a parede apresenta uma saliência formando uma quina próxima de onde está armado um brinquedo em forma de túnel, ele é de plástico, com cerca de um metro e meio de comprimento e, a cada 50 centímetros, apresenta uma cor diferente, com formas geométricas vazadas ao longo das paredes. A entrada tem o formato do rosto de uma lagarta e o túnel está colocado sobre colchonetes, em virtude da aspereza do chão. Por estar próximo da parede, o brinquedo favorece a criação de um corredor estreito de passagem entre ele e a parede, o qual necessita de atenção por ficar próximo à quina da parede. Este cenário apresenta alguns fatores de risco que são minimizados pela ação da professora que procura utilizar colchonetes no piso e a redobrada atenção na ação das crianças, contudo, os perigos da situação parecem mobilizar o medo e o controle da professora sobre os movimentos das crianças.

Episódio 2 - O túnel

As crianças estão circulando de um lado para o outro dentro do túnel, arrastam-se engatinhando, param no meio do caminho e ficam a sorrir e se mexer, virando o tronco de um lado para o outro, o que favorece o encontro dos corpos de uma criança com o da outra. Isso parece empolgar as crianças e, quando saem do túnel, andam pelo corredor ao lado, entre o brinquedo e a parede para, em seguida, entrar novamente pelo lado contrário ao que saiu. Duas crianças interrompem o fluxo e resolvem assumir o desafio de ficar em pé no teto do brinquedo que tem dimensões circulares o que dificulta essa movimentação. A criança tenta inibir outras que querem fazer a mesma ação. Nesse momento, a professora chama atenção falando “carinho” o que parece ser um indicativo para que elas não se machuquem umas às outras e parece impedir que haja uma troca de palmadas entre as crianças. A criança envolvida na ação de dar palmada,

demonstrou querer exclusividade na atividade de subir no teto do brinquedo. Ela e uma outra criança lançam-se na aventura de subir até o teto. Uma delas consegue subir, mas apenas fica de quatro apoios, não podendo realizar o feito de ficar em pé, pois a professora, apesar de sorrir com a ação das crianças, intervém pedindo para que desçam alegando que é perigoso e elas podem se machucar.

As crianças brincam sob o olhar atento da professora que acompanha de perto as ações e evita situações arriscadas. No entanto, para as crianças, o desafio é experimentar subir e ficar em pé no teto do brinquedo que é um lugar totalmente arredondado e escorregadio. As crianças, então, deram outro uso ao brinquedo, testando seu potencial de força para subir e seu equilíbrio para ficar em pé sobre ele. Assim, o controle e o limite, resultado do medo de acidentes foi superado, ao ser buscado o que a criança é capaz e, assim, encorajar suas potencialidades. O espaço é subvertido pelas crianças e essa subversão é admitida pela professora que assume um projeto integrador e de promoção da liberdade dos movimentos e da expressão das crianças.

CONCLUSÃO

Os resultados revelaram a capacidade das crianças de apropriar-se dos espaços e de (re)significá-los, tornando o movimento a centralidade das atividades. Promover possibilidades de movimento e interações entre as crianças é uma prerrogativa para o seu desenvolvimento e, para que isto se torne uma possibilidade, é necessário que o corpo tenha seu lugar na escola, garantindo o protagonismo que lhe é de direito como produtor de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 127, p.461-474, 2014.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BUSS-SIMÃO, M. & ROCHA, E. A. C. Crianças, infâncias, educação e corpo. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIII, v. 14, n. 15, p.185-204, 2007.
- CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. São Paulo: ARTMED, 2011.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. A.. Análise qualitativa de episódios de interação uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.18, n.3, pp. 431- 442, 2005.
- PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.
- SAYÃO, D. T. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso? **REVEDUC**, São Carlos, SP: UFSCAR, v.2, n. 2, p. 92-105, 2008.
- SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v26, p.361-378, 2005.
- WALLON, H. A importância do movimento no desenvolvimento psicológico da criança. In:

